

Educação Física e cultura: práticas escolares

Rildevania Monteiro

Colégio Cruzeiro do Sul

Adalberto dos Santos Souza

Universidade Federal de São João Del Rei

Resumo

O objetivo desse trabalho é discutir a importância de se considerar os aspectos culturais de um determinado grupo para a elaboração dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física. Compreendemos que para dar significado aos conteúdos trabalhados nas aulas, o professor necessita proporcionar aos seus alunos à capacidade de identificar e ressignificar as atividades a eles apresentadas e, para isso, é essencial a compreensão dos aspectos culturais do grupo nas quais as atividades são desenvolvidas. Para fundamentar essa discussão em especial nas questões relativas ao conceito de cultura e como ele pode contribuir para o trabalho desenvolvido na escola, utilizamos como base teórica as ideias do antropólogo americano Clifford Geertz. Somada a elas trouxemos os apontamentos de alguns autores da Educação Física que discutem com maior intensidade essa questão. Ao final apontamos alguns dos problemas enfrentados pela Educação Física e indicamos algumas possibilidades de como podemos iniciar um novo olhar para a sua prática na escola.

Palavras-chave: Educação Física, Educação Física Escolar, Cultura, Cultura Corporal.

Abstract

The aim of this paper is to discuss the importance of consider the cultural aspects of a particular group to development the contents that will be worked in the classrooms of Physical Education. We understand that to give a meaning to the content worked in classroom, the teacher needs to provide to the students the ability to identify and give another meaning to the activities that are presented to them and, therefore, is essential to understand the cultural aspects of the group in which the activities are developed. To support this discussion, especially in questions relating to the concept of culture and how it can contribute to the work developed in school, we used as a theoretical basis the ideas of the American anthropologist Clifford Geertz. Added to them we brought notes of some Physical Education authors that discusses in a higher intensity that question. In the end, we point out some problems faced by Physical Education and we indicated some possibilities of how can we start a new point of view about this practice in school.

Keywords: Physical Education, School Physical Education, Culture, Body Culture.

Introdução

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989: 24).

Esse trabalho tem como objetivo discutir a importância de se considerar os aspectos culturais de um determinado grupo para a elaboração dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física. Para tal propósito, utilizaremos como base teórica as ideias sobre cultura do antropólogo americano Clifford Geertz. Posteriormente, faremos uma relação dessas ideias com as discussões recentes desencadeada na área, para então, apontar como as práticas escolares relacionadas à Educação Física estão unidas na dinâmica cultural.

Geertz é um dos primeiros a defender um conceito de cultura basicamente semiótico. De acordo com o autor é por intermédio desse mecanismo chamado cultura que o homem adquiriu a capacidade de ser o construtor de sua própria história, desde a simples utilização de ferramentas, passando pelo convívio social, a adaptação da linguagem ou mesmo a atribuição de significados às suas ações. Na visão do autor foi o convívio entre os povos que possibilitou o adensamento dos aspectos culturais de um grupo, permitindo com isso, a construção de teias de significados que atribuíram sentidos às ações dos seres humanos.

Para balizar esse conceito de cultura Geertz (1989: 15) se utiliza das ideias de Max Weber, o qual considera que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. O autor acrescenta que para entender o que é cultura e, como ela influencia as ações de um determinado grupo, é preciso identificar e perceber como as pessoas são, como se relacionam, como agem e interagem, é, portanto, ir além do visível, é mergulhar, de fato, no significado das ações desenvolvidas pelos indivíduos em suas sociedades. Percebemos a partir dessa visão, que mais do que uma decorrência biológica, a cultura torna-se essencial para o desenvolvimento humano, pois os aspectos culturais vistos dessa maneira ultrapassam

fronteiras, necessitando ser decifrados como teias de significados que obtêm sentidos próprios.

Atualmente os debates sobre cultura não estão mais centrados em conceitos, mas em como ela influencia a vida das pessoas. Para Rodrigues (1986: 10) a cultura é “[...] como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo”. Com isso, aponta o autor, viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência.

Em decorrência desse debate contemporâneo sobre cultura e, a sua inegável influência no cotidiano das pessoas, acreditamos que o trabalho dos professores de Educação Física não pode ficar imune a isso. Contudo, a percepção dessa importância ainda está em construção. Reconhecemos que o caminho a trilhar ainda é longo, uma vez que, a Educação Física tradicionalmente se mostrou contrária a essa perspectiva que considera a cultura como elemento essencial para a compreensão das práticas corporais realizadas pelos alunos. Com essa atitude, negamos que o “corpo” é uma forma de se comunicar com o mundo ou, como afirma Daolio (1997: 76), que “nele está a própria cultura de um povo, escrita através de signos sociais”, e que “atuar no corpo implica atuar na sociedade que dá referências a esse corpo”.

Sem dúvida, acreditamos que Educação Física também pode ensinar os alunos a ler o corpo culturalmente e, é justamente em virtude da defesa desse novo olhar, que propomos nesse texto, uma retomada dessa discussão, objetivando mostrar aos professores a importância de se considerar não apenas os aspectos biológicos ligados às práticas corporais, mas também os culturais, sociais, políticos entre outros.

Representações culturais sobre o corpo

O reconhecimento de que o corpo é uma das formas do ser humano de se comunicar com o mundo tem levado pesquisadores a estudar esse assunto densamente e, vários desses estudos tem apontado para a mídia como sendo uma forte aliada na construção dos significados atribuídos a ele. Sabemos que tais significados influenciam nossas ações a todo o instante, desde o apelo estético até a prática da atividade física que escolhemos como a mais significativa.

Em relação aos meios de comunicação de massa, mais especificamente sobre a sua influência na prática da atividade física, podemos afirmar que eles têm sido muito competentes no que se propõem a fazer. Não é raro atletas aparecerem fazendo propaganda de sabonetes, “langeries”, desodorantes, cuecas, chinelos, refrigerantes, aparelhos para ginástica, produtos “diet” entre outros, e isto ocorre sempre com o mínimo possível de roupa. É como se o porte físico mostrasse às pessoas que o consumo deste ou daquele produto leva a uma possível semelhança física com aquele (a) atleta, ou, na pior das hipóteses, a alcançar o mesmo “status”, pelo simples fato de compartilhar do consumo do mesmo produto. Segundo Anzai (2000: 73) é evidente que

[...] ao anunciar produtos relacionados à busca da beleza estética, sempre ligados à saúde do corpo, a mídia reforça os sistemas hierárquicos de valores, tornando a beleza o ponto estéril na busca de ascensão social, profissional ou mesmo afetiva.

Para DaMatta (Apud GONÇALVES, 1997: 30) isso não acontece por acaso, pois

[...] a publicidade, é o meio pelo qual o produto, produzido desumanamente no sistema de produção capitalista, pode ser inserido na rede das relações sociais para a qual se destina. Para esse objetivo, a publicidade acaba utilizando-se, em grande parte, do corpo. Em inúmeras propagandas, os produtos são apresentados quase sempre associados a um corpo saudável, próximo à natureza. Em outras, o corpo aparece como objeto sensual, no qual o objetivo é vincular o produto a ser consumido com momentos de prazer erótico

É claro que esta superexposição do corpo encontra eco em nossa sociedade, todavia o padrão de corpo belo e sensual, que foi construído historicamente em nossa sociedade, teve como objetivo, em alguns momentos, a pseudo preocupação com a saúde e, em outros, no caso da sensualidade, a liberdade sexual, até então reprimida.

ANZAI (2000) acredita que esta repressão sexual está muito ligada ao tipo de poder a que se submetia o corpo anteriormente. Este poder era bastante claro e direto: era exercido às vezes pela igreja; outras, pelo estado autoritário. Atualmente, modificou-se, ele agora invade o nosso cotidiano, na forma de discursos que pregam uma (falsa) liberdade sexual, o culto ao físico, a estética etc. O autor afirma ainda que a indústria cultural mantém relações estreitas e diretas com a mídia, que se responsabiliza em humanizar os bens materiais, erotizando produtos e transformando o corpo em objeto de consumo.

Sabemos que esta constante busca pela “construção” de um corpo “perfeito”, que atenda ao padrão de cada sociedade sempre fascinou o homem desde a Grécia antiga. Não é por menos que os deuses gregos estavam sempre associados à beleza física, tanto no caso dos homens, quanto das mulheres.

Concomitante a esse aspecto percebemos que o sentido dado à imagem, na televisão, revista, jornais ou “outdoors”, é o que acabará levando o público a construção dos significados atribuídos ao corpo. Os padrões de beleza que são mostrados nos meios de comunicação são extremamente dinâmicos. De tempos em tempos, os ídolos esportivos são substituídos, em virtude do formato do corpo atlético desses atletas não serem eternos. E, em função disso, a cada momento, surgem novos ícones no que diz respeito ao padrão físico ideal. Gonçalves (1997: 30) descreve que

[...] o modelo de corpo-instrumento, voltado para a produtividade, reflete-se também na forma de a sociedade capitalista tratar seus elementos, quando, ao envelhecerem, diminui sua capacidade física de trabalho. Nesse período da vida, o indivíduo, por supostamente não poder participar de forma efetiva no processo de produção, é relegado ao ostracismo, perdendo seu sentido social ao retirar-se para a vida privada.

Privada aqui tem o pior sentido possível, ou seja, privar o indivíduo do consumo, deixá-lo à margem, uma vez que é duplamente penalizado. Por um lado, esse corpo não serve mais para os padrões consumistas vigentes; por outro, na sua quase totalidade, essas pessoas passam a não ter condições financeiras de consumir os bens produzidos.

Se transportarmos isso para a vida esportiva, a evidência se torna maior, uma vez que em determinados esportes a vida útil em termos de competição não passa dos 30 anos, fazendo com que estes atletas se aposentem para a vida esportiva. Isso também deve ser considerado em termos de beleza estética, principalmente na ótica da indústria cultural, uma vez que é ela que dita qual será o limite de tempo de exposição destes ícones nos meios de comunicação.

É necessário perceber que as mensagens que chegam até nós, por meio da mídia, fazem com estejamos ativamente nos modificando, o que não significa que essa modificação seja consciente. Devemos, então, estar atentos para o que diz Thompson (1998: 46), quando nos alerta que

[...] este processo de transformação pessoal não é um acontecimento súbito e singular. Ele acontece lentamente, imperceptivelmente, dia após dia, ano após ano. É um processo no qual algumas mensagens são retidas e outras são esquecidas, no qual algumas se tornam fundamento de ação e reflexão, tópico de conversação entre amigos, enquanto outras deslizam pelo dreno da memória e se perdem no fluxo e refluxo de imagens e idéias.

Toda essa discussão é travada no sentido de mostrar aos professores de Educação Física que o corpo é um meio de expressão fundamental do ser humano e, com isso, podemos afirmar que não há possibilidade de existência de uma dimensão física isolada da sua totalidade. Ao contrário do que alguns professores de Educação Física tradicionalmente pensavam, não podemos imaginar o ser humano de forma estratigráfica, dividido em camadas que não interagem entre si. Pensar assim, seria concebê-lo dividido, de forma dual.

O antropólogo francês Marcel Mauss talvez tenha sido um dos primeiros a lançar mão de uma discussão sobre corpo que primava por uma visão diferente dessa. No texto intitulado

“As técnicas do corpo”, publicado originalmente na primeira metade do século XX, a percepção sobre o tema “corpo” constitui-se como uma das primeiras análises que não considera apenas o fator biomecânico, uma vez que já apontava para a nítida influência de fatores culturais e sociais para a realização de uma técnica corporal. Sendo assim, as técnicas que utilizamos para determinadas ações, não são influenciadas exclusivamente pelo desenvolvimento biológico, como se pensou durante muito tempo, mas existe nelas, toda uma gama de determinantes culturais, ou seja, elas têm um significado próprio construído ao longo dos anos.

Para Mauss (2003), as técnicas corporais são compreendidas como as maneiras que as sociedades, tradicionalmente, sabem servir-se de seus corpos, sendo que elas podem variar de sociedade para sociedade e ao longo do tempo. Para fundamentar e exemplificar essa argumentação, o autor utiliza como exemplo as mudanças na técnica do nado ocorridas no início do século XX. Ele relaciona as diferentes formas de nadar de algumas sociedades com as diferenças existentes entre as técnicas para o seu aprendizado, desde a variação na forma de respirar até as técnicas do mergulho. O autor continua a discussão sobre o assunto utilizando-se de outros exemplos, como a marcha, o salto, a corrida etc., chegando a elaborar uma classificação e uma enumeração biográfica das técnicas corporais. Ao falar de cada uma das suas técnicas Mauss procura indicar as influências culturais que elas sofrem, e como elas podem ser transformadas e modificadas ao longo dos tempos.

Pensar no corpo como expressão da cultura, e na influência que ele sofre ao longo dos tempos, possibilita com que o trabalho realizado na escola pelos professores de Educação Física seja marcado por questões que extrapolam as ligadas ao rendimento. Kofes (apud DAOLIO: 1997), dá uma contribuição interessante para esse pensamento. Para a autora o corpo é expressão de cultura e, a cultura se expressa mediante diferentes corpos, porque a cultura é singular, cada expressão tem significado diferente enquanto cultura.

Diante do exposto nessas primeiras linhas, a compreensão de como criamos as representações a respeito do nosso corpo e a relação estabelecida entre ele e a cultura na qual estamos inseridos, deve ser percebida pelos professores de Educação Física como algo essencial para o desenvolvimento de seu trabalho, sob o risco de continuarmos um trabalho descontextualizado e com significado distinto do proposto aqui.

A prática esportiva e a educação física escolar

O fenômeno esportivo é, sem dúvida, um dos apêndices utilizados ao longo dos anos por políticos e outros segmentos sociais que conseguiram vislumbrar em sua exploração uma das formas de manutenção do poder, controle e alienação social. Em virtude desses interesses, nas aulas de Educação Física o modelo esportivo de alto rendimento ainda é o que determina em grande parte, a elaboração dos conteúdos trabalhados pelos professores.

Tal característica teve o seu início basicamente a partir da década de 1960, mas foi a partir da década de 1970 com o sucesso do futebol campeão mundial e a implementação de programas, pelo governo militar, que incentivavam a prática esportiva, que esse modelo se fortaleceu dentro da escola.

Segundo Caldas (1993) na década de 1970, quando o Brasil sagrou-se campeão mundial de futebol, o governo da ditadura se fazia valer de todas as estratégias possíveis para dissimular qualquer mal estar que poderia surgir a partir dos questionamentos sobre sua atuação política. Foi então que a conquista do tri campeonato mundial de futebol caiu como uma luva naquele momento histórico. O então presidente, general Emílio Garrastazu Médice, utilizou-se da conquista do tri campeonato no México para conquistar dividendos políticos em toda sua gestão e fazer com que a população brasileira tivesse a sensação de que nem tudo estava perdido. Afinal, o Brasil era campeão mundial de futebol. Era como se isso tivesse lavado a honra do brasileiro, e todos os problemas sociais existentes, passaram a ser

secundários naquele momento. O povo brasileiro foi levado a acreditar que a seleção brasileira de futebol quando representava o país era como se fosse a “pátria de chuteiras”. Era como se o país fosse naquele momento milhões de vozes transformadas numa só, a voz do futebol, do orgulho nacional, a despeito de qualquer injustiça social que perdurasse naquele momento de “glória” nacional. E enquanto este ufanismo corria solto em nosso país, “lá fora, no cotidiano, continuam os corpos famintos, abandonados, executados, desdentados, humilhados e explorados de milhares de trabalhadores, crianças e velhos” [...] (SANTIN 1999: 66).

Atualmente quando falamos de esporte em nosso país, lembramos a princípio do esporte de alto rendimento, afinal, ele foi escolhido há muito pela indústria cultural como aquele que dá sustentação ao lucro fácil. Bracht (1997) afirma que é o esporte de alto rendimento que, em linhas gerais, ainda fornece o modelo de atividade para grande parte do esporte em nosso país, inclusive o praticado na escola, fazendo com que além desta “marca”, outras venham acompanhadas deste que deveria ser de acesso irrestrito a todos.

Fica claro que este tipo de atividade é seletiva, atendendo aos interesses de poucos que ganham muito. Enquanto isso a população fica assistindo e pagando para que os “semideuses” do esporte ditem qual é forma correta de praticar esta ou aquela atividade esportiva, que no limite se torna padrão de qualquer atividade corporal.

Conforme afirmei anteriormente, os meios de comunicação de massa são os grandes aliados da indústria esportiva para a manutenção desta ordem, contudo, isso não fica restrito a ela. O Estado já há algum tempo tem trabalhado no sentido de incentivar a busca de talentos esportivos dentro da escola ou como ocorria anteriormente, de fazer com que o esporte fosse responsável pela criação do sentido de patriotismo. Manhães (1986) relata que o presidente Getúlio Vargas ao discursar na inauguração do estádio do Pacaembú disse que aquele espaço monumental para o campo de jogos desportivos, era uma obra de sadio

patriotismo e que a sua finalidade primeira era a de difundir a cultura física e a educação cívica. Tal discurso ilustra bem alguns dos interesses do Estado sobre o esporte, mas os exemplos não param por aí. Recentemente, após a conquista do direito de sediar os jogos Olímpicos de 2016, alguns políticos ligados ao esporte, disseram que a escola, via Educação Física, deveria funcionar como um espaço para a detecção de talentos esportivos.

Sabemos que com isso, professores são alçados a categoria de técnicos e alunos a de atletas. Diante disso deixo alguns questionamentos que não serão respondidos nesse texto, mas que servem de reflexão para todos os que atuam com a Educação Física escolar. Quais são os objetivos das aulas de Educação Física em relação ao ensino dos esportes, jogos, danças e lutas? E qual é o papel do professor de Educação Física diante desse cenário?

A educação física na escola

Um costume ou uma prática de um determinado grupo não devem ser vistos como certos ou errados, melhores ou piores do que outros do nosso próprio grupo. Ambos têm significados próprios que os justificam no grupo no qual ocorrem. Portanto, a diferença não deve ser pensada como inferioridade. O que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferenciadamente. Porque os homens são iguais justamente pela expressão de suas diferenças (DAOLIO 1995: 100).

Perceber qual lugar ocupa as aulas de Educação Física na escola demanda um entendimento da relação de seus conteúdos com os interesses dos alunos, uma vez que, a sua legitimação está intimamente ligada a relação desses conteúdos com a vida dos alunos. É nesse sentido que temos insistido em afirmar que a cultura deve ser entendida como um dos principais conceitos para a Educação Física. Segundo Daolio (2001: 35) quando se assume essa postura, ou seja, de que a Educação Física deve ter uma atuação eminentemente cultural, “[...] há que se considerar, primeiro, a história, a origem e o local daquele grupo específico e, depois, suas representações sociais, emolduradas pelas suas necessidades, seus valores e seus interesses”. O autor acrescenta que a cultura nesse sentido, é responsável pelo comportamento

social do ser humano, o que faz com que os seres humanos se expressem de formas diferentes em situações diferentes.

Ao transportarmos essa discussão sobre cultura e as manifestações culturais ligadas ao corpo para a Educação Física, podemos encontrar alguns autores que tem se dedicado a esse estudo. É importante esclarecer que embora alguns dos autores mencionados a seguir, utilizem referenciais teóricos distintos, seus estudos contribuíram em muito para os avanços da área em relação a essa nova perspectiva que considera a compreensão da cultura como essencial para um avanço da práxis pedagógica do professor de Educação Física.

Na proposta elaborada pelo Coletivo de Autores há um nítido reconhecimento do fator historicidade para a construção das atividades corporais. Segundo eles

É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, ou desafios, ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES 1992: 39).

Para Betti e Zuliani (2002) uma das tarefas da Educação Física é preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo do esporte, da dança, lutas, ginástica e do jogo, incorporando os demais componentes da cultura corporal em sua vida e, tirando com isso o melhor proveito possível.

Já para Kunz (2000; 2004), os objetivos das aulas de Educação Física estão relacionados não apenas ao desenvolvimento das ações do esporte, da dança, das lutas, da ginástica e dos jogos. De acordo com ele, elas devem propiciar a compreensão crítica das diferentes formas com que essas manifestações se apresentam, contemplando, com isso, uma análise de seus interesses e dos problemas vinculados ao contexto sociopolítico. Sendo assim, os princípios relacionados à prática esportiva na escola estariam ligados aos objetivos traçados para a própria Educação Física, que se vinculam à necessidade dela propiciar aos alunos o alargamento e a apropriação crítica de conhecimentos sobre o seu corpo, sobre o jogo, os esportes, a ginástica, as lutas, a dança, entre outros temas.

Percebe-se pelos apontamentos acima, que cada vez mais os estudos sobre cultura têm contribuído e dado subsídios para nosso olhar sobre as manifestações relativas à cultura corporal. Reiteramos que ao se pautar nessa nova concepção, a Educação Física inicia uma mudança no seu olhar sobre o corpo e, sobretudo, na atuação sobre ele.

Mas infelizmente o que ainda dá subsídio à boa parte dos professores de Educação Física para a elaboração de suas aulas, é o modelo do alto rendimento e o que é pior, essa prática carrega consigo as mesmas características, em termos técnicos, das praticadas nesse nível, ou seja, a utilização de modelos padronizados, causando assim, a exclusão de alguns alunos.

Essa abordagem que subsidia alguns professores faz com que muitos ainda esperem de seus alunos respostas idênticas aos estímulos transmitidos, atingindo um padrão ideal, dito como correto e, por vezes como único, desconsiderando a individualidade inerente aos seres humanos.

Ao refletir sobre essas características das aulas de Educação Física, surgem alguns questionamentos. Por exemplo, qual a finalidade de se ensinar o movimento considerado tecnicamente “correto”, desconsiderando outras possibilidades? A escola é um lugar de formação de atletas, e aqueles que não serão?

Esclarecemos que na escola, a prática de uma manifestação cultural esportiva, bem como da dança, da luta, da ginástica e dos jogos, deve levar em consideração as diferentes realidades culturais dos alunos, não podendo ser trabalhadas de forma reducionista ou mecânica. Nessa perspectiva podemos considerar que as aulas ocorrem num processo dinâmico, cheio de nuances e representações que dão sentidos a sua prática.

Em virtude disso, as mediações feitas sobre a Educação Física e, conseqüentemente, o que é ensinado por ela, não podem, segundo Souza (2008), ser isoladas de seu contexto social

e cultural, uma vez que sua prática não se fundamenta sozinha, é o contexto em que ela foi gerada que determina sua eficácia simbólica.

Daolio (1995: 135) acrescenta a essa discussão que o objetivo da aula de Educação Física na escola, não é “[...] o ensino de uma técnica considerada eficiente, já que, ao fazer isso, pode estar desconsiderando as formas culturais características do grupo alvo de um determinado programa”.

Temos clareza que o objetivo do professor de Educação Física não é a formação de atletas, embora nada o impeça de orientar os pais de um aluno que demonstre certa habilidade para uma modalidade e, se for da vontade da família e do aluno, possibilitar que ele treine em uma instituição apropriada, qualificada para tal fim.

Sabemos que fora do ambiente escolar os alunos jogam, dançam, brincam, praticam esporte, atividades físicas etc. Se levarmos em consideração isso, as aulas deveriam ter como principal objetivo diversificar, sistematizar e aprofundar essas experiências, permitindo aos alunos estabelecer novas significações. A técnica nesta perspectiva não ficaria restrita puramente à execução mecânica para o jogo, mas ao conjunto dos modos de fazer necessários para sua prática (SOUZA: 2008). Assim, o aluno não ficaria preso apenas aos fundamentos técnicos utilizados para as mais variadas modalidades esportivas. Com isso, nas aulas de Educação Física, o movimento tecnicamente correto perderia a sua importância, pois o fundamental é que o aluno consiga entender, e com isso analisar, criticar, e praticar esta ou aquela atividade respeitando não só os seus limites, mas também de seus colegas, evitando assim, análises preconceituosas sobre a execução dos gestos realizados por eles.

De acordo com essa análise, cabe ao professor apresentar ao aluno outras formas de executar os gestos esportivos. Por exemplo, no caso do arremesso à cesta, para enriquecer a sua bagagem cultural, o aluno tem toda a autonomia de criar e até de sugerir ao professor outras possibilidades de arremessos. Pois a escola, como um dos principais espaços de

contribuição para formação do ser humano, possibilita que nela o ensino ocorra sempre em mão dupla. Nessa perspectiva, as dimensões técnica e tática estariam vinculadas à dimensão mecânica e à física, anatômicas, fisiológicas, psicológicas, socioculturais e políticas, havendo outras possibilidades de compreensão do esporte, da ginástica, da dança, das lutas, dos jogos, entre outros igualmente importantes.

Não podemos negar que o que ocorre na escola e nas aulas de Educação Física está constantemente permeado de atos simbólicos e, sem dúvida, isso possibilita construções distintas que influenciam o comportamento desses sujeitos históricos (SOUZA: 2008).

Infelizmente todas essas discussões e, principalmente, essa visão diferenciada sobre as práticas corporais, só foram iniciadas no final da década de 1980 e no início da década de 1990. Ressalta-se, que muito embora esse assunto tenha ganhado destaque na área e, seja muito discutido atualmente, parece que ele ainda causa certa polêmica entre os seus pares.

Na esteira dessa discussão, alguns autores ganharam notoriedade, entre eles Jocimar Daolio. Contudo, mesmo sendo um dos precursores sobre a importância da compreensão do conceito de cultura para a Educação Física, Daolio iniciou seus estudos recentemente, pois só teve os primeiros contatos com o tema quando iniciou seu mestrado, no início da década de 1990. O autor tem uma intensa base teórica construída a partir das obras de Geertz. Para Daolio o ser humano deve ser compreendido na sua totalidade, e para ele a escola não é o único instrumento de formação cultural. Além dela, existem outros elementos que devem ser considerados nesse processo. Ele acrescenta que outras instituições como a família e a igreja também contribuem para a construção da personalidade e comportamento do aluno.

Segundo o autor a construção cultural do ser humano, está pautada pela capacidade de singularização que o homem possui e,

[...] é a partir da concepção de que o homem possui uma natureza cultural e de que ele se apresenta em situações sociais específicas que se chega à idéia de que o que caracteriza o ser humano é justamente a sua capacidade de singularização por meio da construção social de diferentes padrões culturais (DAOLIO 1995: 36).

Conforme aponta o autor, o profissional de Educação Física, deve considerar o ser humano na sua totalidade, “não como objeto, mas como sujeito” (idem: 53). Para ele o objetivo da Educação Física é propiciar a criação de valores aos alunos, pois o ser humano está envolvido constantemente em atividades simbólicas, e para poder dar significado a elas, o profissional de Educação Física deve proporcionar aos seus alunos a capacidade de identificar e ressignificar essas atividades.

Ao olhar para Educação Física escolar por essa lente, podemos afirmar que ela ainda está carente de um projeto definido, que garanta aos alunos o ensino dos jogos, das lutas, da dança, da ginástica e outras atividades de forma contextualizada, possibilitando a eles, a aquisição de um olhar crítico sobre as informações que lhes serão transmitidas. É importante esclarecer que os alunos não precisam saber jogar todas as modalidades com técnicas apuradas, o intuito das aulas além de aproximar os alunos das manifestações culturais ligadas ao corpo, é o de favorecer o entendimento da história dessas práticas, suas implicações sociais e políticas, ultrapassando assim, os limites da prática pela prática.

A Educação Física ao atuar em uma perspectiva cultural, acaba por penetrar no universo das representações sociais e, com isso, reconhece-se dentro de um contexto, que carrega consigo as questões de uma dada época e de uma determinada sociedade, fazendo com que a atuação dos professores esteja umedecida dessas questões, sejam elas relativas ao esporte ou qualquer outra manifestação ligada ao corpo.

Esses novos olhares lançados para a Educação Física possibilitam com que ela comece, mesmo que de forma tímida, a ocupar um lugar que tenha como objetivo principal, o de propiciar aos alunos o alargamento, o aprimoramento e a apropriação crítica de conhecimentos sobre o seu corpo e de qualquer manifestação cultural ligada a ele. Com isso, a Educação Física poderá integrar-se à proposta pedagógica da escola como um todo, não ficando à sua margem como uma disciplina apenas do fazer pelo fazer e/ou simplesmente por

fazer parte legalmente da proposta curricular, mas como uma disciplina que está atenta aos problemas, às lutas e às ressignificações presentes no cotidiano escolar.

Acreditamos que tal transformação se faz com pequenos gestos, que somados ao todo, se tornam em grandes ações. Por exemplo, ao invés de utilizarmos como único modelo o esporte de alto rendimento para o ensino de uma determinada técnica, não poderíamos incentivar os alunos a criarem novas formas de resolver as demandas existentes para a situação esportiva apresentada? Não estamos com isso sugerindo um vale tudo, afinal não podemos desconsiderar toda a produção humana em termos de prática esportiva existente.

Um outro exemplo disso é dado por Betti e Zuliani (2002: 75). Vejamos o que dizem os autores:

se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprio), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva.

Eles acrescentam a essa proposta, que devemos ter outras estratégias quando se tem em vista o plano cognitivo. Indicam que devem ocorrer discussões sobre temas da atualidade ligados à cultura corporal de movimento, além da leitura de vários tipos de textos, do uso de vídeo/TV, informações sobre os esportes e outras práticas corporais entre outras coisas. (cf. BETTI e ZULIANI 2002: 77).

Percebemos a partir desses exemplos, que o problema central das aulas não está apenas ligado ao conteúdo, mas ao uso que se faz dele. Portanto, são as mediações com os aspectos culturais de uma dada sociedade e, a importância disso para os alunos, que permitirão com que novos significados sejam incorporados às aulas de Educação Física na escola e, conseqüentemente, aos conteúdos que nela são veiculados.

Considerações finais

A partir dos apontamentos efetuados nesse texto, compreendemos que a Educação Física escolar possa contribuir de forma considerável na formação de cidadãos críticos e emancipados. Porém, isso só se concretizará de fato, se existir um projeto pedagógico denso e comprometido, projeto esse que respeite as individualidades dos alunos e as características de cada escola. Somada a essa necessidade, cabe uma demarcação por parte do professor de Educação Física, de qual é o seu papel dentro desse projeto e, principalmente, como a partir dos conteúdos ministrados por ele, isso pode ocorrer. Entendemos que a perspectiva na qual nos pautamos neste estudo, dá possibilidades para a efetivação desse objetivo. Compreendemos também que ela não é a única, porém, ao adota-lá, ela deverá servir como um dos alicerces para o desenvolvimento do trabalho do professor, caso contrário, continuaremos a separar os alunos em mais e menos habilitados. Finalizamos nossos apontamentos com a certeza de que o papel do professor de Educação Física vai além do ensino das técnicas corretas, a sua atuação deve levar em consideração que tipo de aluno pretende-se formar e, nesse sentido, qual a contribuição que sua atuação trará para essa formação.

Referências bibliográficas

- ANZAI, K. “O corpo enquanto objeto de consumo”. 2000. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas. 21 (2-3): 71-76.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz. Roberto. 2002. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, (1): 73-81, Set.
- BRACHT, Valter. 1997. *Sociologia Crítica do Esporte: Uma introdução*. Vitória: UFES.
- CALDAS, Waldenyr. Dimensões Sociológicas do Esporte. 1993. *Simpósio Esporte: Dimensões Sociológicas e Políticas* São Paulo. 9-24.

COLETIVO DE AUTORES. 1992. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez.

DAOLIO, Jocimar. 1995. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus.

_____. 1997. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: UNICAMP.

_____. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Yara Maria. de; RÚBIO Kátia. (Org). 2001. *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 27-38.

KUNZ, Elenor. 2000. *Transformação Didático-Pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí.

_____. 2004. *Didática da educação física 2*. Ijuí: Unijuí.

GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

GONÇALVES, Maria. Augusta. Salin. *Sentir pensar, agir-Corporeidade e educação*. 1997. 2ª ed. Campinas: Papirus.

MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. 1986. Rio de Janeiro: Graal.

MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

RODRIGUES, José Carlos. 1986. *O tabu do corpo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos.

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da Corporeidade: In *Educação Física e Esportes: Perspectivas para o século XXI*. 1999. WAGNER, Wey Moreira. (Org). Campinas: Papirus.

SOUZA, Adalberto dos Santos. 2008. *Educação Física no Ensino Médio: representações dos alunos*. 2008. Tese de Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

THOMPSON, John. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria crítica social na era dos meios de comunicação de massa*. 1998. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.